

## 2 A União do Vegetal

A União do Vegetal se define como uma religião cristã reencarnacionista,<sup>2</sup> cujo objetivo é promover a evolução espiritual mediante o trabalho de auto-conhecimento. Para alcançar este objetivo os sócios do Centro bebem, de livre e espontânea vontade, uma bebida enteógena feita de plantas com o nome Hoasca ou Vegetal, tida como facilitadora para a concentração mental e veículo para entrar em contato com o mundo espiritual.

A União do Vegetal (UDV) foi fundada em 22 de julho de 1961 em Porto Velho- RO. por José Gabriel da Costa, conhecido como Mestre Gabriel pelos sócios do Centro.

Mestre Gabriel nasceu no dia 10 de fevereiro de 1922 em Coração de Maria, localidade de Feira de Santana, na Bahia, e faleceu no dia 24 de setembro de 1971 em Brasília-DF. Viveu em Coração de Maria até o início de sua juventude, quando foi trabalhar em Salvador e quatro anos depois em 1943, alistou-se como Soldado da Borracha na participação do Brasil no esforço de guerra junto às nações aliadas. Foi então trabalhar nos seringais da Floresta Amazônica, onde bebeu o Vegetal pela primeira vez junto com a esposa, o filho mais velho e algumas pessoas.

Hoje a UDV possui cerca de doze mil sócios distribuídos em mais de cem núcleos estabelecidos em todo o país e três núcleos no exterior: Madri, na Espanha; Santa Fé e Norwood, nos Estados Unidos. A Sede Geral está situada na cidade de Brasília – DF. O seu quadro de sócios é constituído por pessoas de diferentes origens sociais, econômicas e culturais. Médicos, pedreiros, domésticas, professores, jornalistas, vendedores, empresários, funcionários públicos, etc.

A UDV não é o único grupo religioso a fazer uso do chá em seu ritual. Dentre eles se destacam a Barquinha e o Santo Daime. Mas é importante frisar

---

<sup>2</sup> Esta questão será esclarecida adiante.

que a estrutura, o funcionamento e a doutrina destas religiões diferem muito entre si. É preciso ter o cuidado de não confundi-las devido ao uso comum da mesma substância.

Embora o uso do chá seja um elemento fundamental, não pode ser compreendido como o objetivo da religião. A Hoasca é considerada um veículo para a interiorização e o conseqüente aperfeiçoamento espiritual. O chá não funciona como uma bebida mágica que por si só impulsiona o sujeito a uma transformação, ele apenas põe à luz conteúdos inconscientes desconhecidos, cabe ao sujeito empreender ou não a mudança.

Não existem comunidades ou grupos que vivam apenas em função do chá, da religião, ou em isolamento. Os seus integrantes levam uma vida social considerada comum segundo os padrões das localidades onde residem. Não é pedido que ao ingressar na UDV a pessoa abra mão de elementos que constituem a sua vida como: o nome, a profissão, o estudo, o local onde mora, o convívio com a família, os lugares que frequenta. A mudança é acima de tudo interior, a pessoa adquire uma nova compreensão dos mesmos elementos de sua vida cotidiana.

Nesta questão a UDV não crê na alienação do mundo material como condição para a transcendência. É ensinado na UDV que o verdadeiro aperfeiçoamento espiritual vem sendo alcançado quando o cotidiano é percebido como uma oportunidade de aprendizado e crescimento. A função da transcendência na UDV não é a abstração do mundo e sim a aquisição da capacidade de conhecer o que antes não era percebido: o propósito sagrado de todas as coisas.

## **2.1. A organização institucional e a hierarquia**

Todos os núcleos da UDV estão vinculados à Sede Geral situada na cidade de Brasília. Lá são elaboradas pela Direção Geral e Pela Diretoria Geral as regras e as normas que regem o Centro e devem ser seguidas por todos os núcleos do país e do exterior. A Direção Geral do Centro é responsável pelos assuntos

inerentes à espiritualidade e é composta por Mestres e Conselheiros. A Diretoria Geral é responsável pela coordenação do Centro enquanto instituição. Cada núcleo da UDV também possui a sua Direção e a sua Diretoria.

A autoridade máxima da religião é o Mestre Geral Representante, responsável pela Direção Geral do Centro. Ele reporta as suas decisões ao Conselho da Representação Geral – que o elege para esta função por três anos – e ao Conselho da Administração. O Mestre Geral Representante sempre reside na cidade de Brasília e é locado na Sede Geral. O Mestre Geral Representantes tem dois ou três Mestres Assistentes que o auxiliam na direção geral da União. São também nomeados pela Direção Geral os Mestres Centrais, responsáveis pelas regiões administrativas onde<sup>3</sup> se situam os Núcleos que são dirigidos por um Mestre Representante, também eleito pela direção do Núcleo.

Todos os cargos citados acima são escolhidos por processo eletivo e não há remuneração pelos serviços prestados. Os mandatos são de três anos podendo haver uma reeleição.

Existem na UDV quatro graus hierárquicos. Em ordem decrescente são eles: Quadro de Mestres, Corpo do Conselho, Corpo Instrutivo e Quadro de Sócios. As pessoas vão subindo os degraus na instituição de acordo com o “grau de memória” que pode ser compreendido como um grau da evolução espiritual. É importante frisar que os lugares alcançados na hierarquia da UDV não são vitalícios. A título de exemplo: caso algum Mestre cometa uma infração ou desrespeite os estatutos do centro, ele é afastado do quadro de Mestres e dependendo da falta pode ser impedido de beber o Vegetal na UDV por tempo indeterminado. Mas mediante a correção da falta, há a possibilidade de retornar gradativamente ao lugar do qual foi afastado.

---

3 Atualmente existem oito regiões administrativas. Região administrativa é o nome dado a um agrupamento de núcleos situados em locais próximos.

## 2.2.

### Hoasca: Aspectos científicos e legais da substância.

As plantas também me interessam mas não cientificamente. Por um razão secreta desaprovava que elas fossem arrancadas e dissecadas. Eram seres vivos que deveriam crescer e florescer – possuíam um sentido oculto, misterioso, eram pensamentos de Deus. Devíamos olhá-las com respeito e sentir diante delas um pasmo filosófico.

Jung, 1961, p. 81

No dia 9 de novembro de 2004 foi anunciada a determinação do Conselho Nacional Anti-drogas que libera em caráter definitivo o uso do chá em contexto ritualístico. O Vegetal foi considerado substância inofensiva à saúde, não podendo portanto ser classificado como droga. Esta decisão foi fruto de vários anos de extensos estudos científicos sobre o chá e seus efeitos físicos, químicos, mentais e psicológicos.

O primeiro encontro do Vegetal com um homem da ciência aconteceu em 1851, quando o botânico inglês Richard Spruce encontrou-se com os índios Tucanos na Amazônia brasileira. O acontecimento foi celebrado em ritual nativo com a ingestão de um chá de nome Caapi, que diziam provocar visões. O cipó com o qual era preparado o chá veio a ser denominado *Banisteriopsis caapi*. Análises laboratoriais posteriores revelaram a presença dos alcalóides *beta-carbolina*, *harmina*, *harmalina* e *tetrahydroharmina*. Psicoativos que isolados no começo do século XX, receberam a exótica denominação de *Telepatina*, pois segundo as pessoas que o ingeriam facilitaria a comunicação telepática entre elas. Conforme identificado pelos primeiros observadores de campo no uso do chá, outras misturas psicoativas eram freqüentemente adicionadas ao cozimento das preparações do *Banisteriopsis caapi*, principalmente plantas contendo a altamente potente e alucinogênica *triptamina*. O que inclui a planta indutora de visões, *Psychotria viridis* - a Chacrona para os seguidores da UDV - resultando no chá conhecido no meio acadêmico como Ayahuasca - que a UDV denomina Vegetal ou Hoasca, utilizado em suas sessões para efeito de concentração mental.

Para alguns pesquisadores a classificação do Vegetal como "alucinógeno" é uma imprecisão, pois o mesmo não causa perda do contato com a realidade - como pressupõe o termo - mas sim um grau ampliado de percepção que permite a compreensão da realidade com maior clareza ou transcendência. Nesse sentido,

pesquisadores da área de Etnobotânica têm proposto a classificação do Vegetal como "enteógeno", ou seja, substância que "gera uma experiência de contato com o divino" facilitando o auto-conhecimento e o aprimoramento pessoal.

Em 1985, quando a Divisão de Medicamentos do Ministério da Saúde - Dimed - incluiu em caráter proibitivo o *Banisteriopsis caapi* na lista das substâncias entorpecentes, a União do Vegetal em respeito à lei suspendeu imediatamente a distribuição do Vegetal em todo o país por dois meses.

Naquele momento, a Direção do Centro solicitou ao Conselho Federal de Entorpecentes - Confen -<sup>4</sup>, responsável legal na época pela área da política de entorpecentes no país, que examinasse o uso ritual do chá Hoasca pelos sócios da União do Vegetal.

Diante disso, profissionais de saúde filiados à UDV se organizaram para reunir informações científicas existentes a respeito da Hoasca. Foi criado em 1986 o Centro de Estudos Médicos, atualmente o Departamento Médico e Científico da UDV – o Demec.

Em 1986 o Confen organizou um Comitê Interdisciplinar de Pesquisa composto por juristas, psiquiatras, psicólogos, sociólogos e antropólogos que ao visitar as religiões usuárias do chá Hoasca - incluindo a UDV - participaram e analisaram o uso do Vegetal em seu contexto ritualístico.

Como resultado do exame, o Confen publicou a Resolução 06/86 (DOU 05.02.86), "que suspende provisoriamente a inclusão do Mariri na citada portaria". Em 1992, a Deliberação 24.08.92 determinou que: "O chá e as espécies vegetais devem permanecer excluídos da lista da Dimed, e o reexame da matéria só ocorrerá com base em fatos novos". Em 09/11/2004, o chá foi definitivamente liberado em uso ritualístico e reconhecido como inofensivo à saúde.

O Vegetal na UDV é estritamente utilizado para fins religiosos, sendo vetado o uso com finalidades psicoterapêuticas, ou para a cura de doenças. E também não é permitida a mistura com outras substâncias, ou a comercialização do chá pelos sócios da instituição. Também, em conformidade com as leis federais, só podem se associar ao Centro e beber o chá regularmente maiores de

---

<sup>4</sup> O Confen atualmente foi absorvido pela Secretaria Nacional Antidrogas - Senad e pelo Conselho Nacional Antidrogas – Conad.

18 anos. Jovens a partir dos 14 anos podem participar das sessões com a presença e o consentimento oficial dos responsáveis legais.

### **2.3. As sessões da União do vegetal.<sup>5</sup>**

Sessão é o nome dado ao ritual da União do Vegetal no qual os sócios bebem o chá Hoasca. Esta cerimônia foi criada por Mestre José Gabriel da Costa e preservada até hoje em sua forma original.

As sessões podem ser *de escala, escala anual, instrutivas, extras* e de *adventícios*. Quando o chá é bebido dentro de um preparo do Vegetal, a cerimônia é chamada de *distribuição de Vegetal*.

*Sessões de Escala-* Acontecem no primeiro e no terceiro sábado do mês, das 20:00 às 00:15, e os sócios têm o dever de comparecer a elas.

*Sessões de Escala Anual-* São realizadas em datas comemorativas da UDV, e a elas também devem comparecer todos os sócios. Se a data é em um dia de semana a sessão geralmente inicia às 21:00 e encerra às 01:15.

*Sessões Instrutivas-* É a ocasião em que são transmitidos ensinamentos da UDV reservados ao Corpo Instrutivo. A estas só podem e devem comparecer os discípulos do Corpo Instrutivo. Acontecem com uma frequência aproximada de 2 em 2 meses, nos domingos às 12:00 e encerrando às 16:00.

*Sessões Extras-* São feitas a critério do Representante de cada Núcleo e podem ser marcadas em qualquer dia da semana. As sessões extras acontecem por diversos motivos tais como: visita de uma pessoa importante dentro da UDV a um outro Núcleo, aniversário de uma pessoa da Direção do Núcleo, sessão feita só para casais, para jovens e etc. A estas sessões o comparecimento é facultativo.

*Sessões de Adventícios-* São sessões realizadas para pessoas que bebem o Vegetal na UDV pela primeira vez. Para participar de uma Sessão

---

<sup>5</sup> Segundo informações oferecidas pelos sócios, todos os núcleos da UDV apresentam as mesmas características e os mesmos procedimentos descritos neste trecho.

de Adventícios, a pessoa que pretende beber o chá passa por uma entrevista com um integrante da direção do Núcleo.

Todo Núcleo possui um Salão do Vegetal, um local no qual são realizadas as sessões. Não existem regras arquitetônicas quanto ao formato do Salão, mas sim quanto à disposição dos elementos necessários à realização de uma sessão. Em todo Salão há uma mesa retangular que possui na cabeceira um arco verde com as palavras LUZ, PAZ E AMOR. O arco é alto o bastante para que uma pessoa fique de pé sob ele. O dirigente da sessão senta-se sempre na cabeceira da mesa sob este arco. Sobre a mesa em frente a ele é colocado o filtro contendo o Vegetal. Sentam-se à mesa alguns discípulos, independente do grau hierárquico. Os demais lugares são todos arrumados de acordo com a mesa. Atrás da cabeceira da mesa são colocadas as cadeiras dos Mestres presentes. Nas laterais e à frente da mesa são colocados os outros lugares. Não existem adornos no Salão, apenas uma foto do Mestre Gabriel na parede atrás da cabeceira da mesa.

Em todas as sessões realizadas no Salão os sócios devem trajar o uniforme, que é diferente para homens e mulheres. Os homens usam camisa verde, calça, sapatos e meias brancos. As mulheres camisa verde, calça amarela e sapatos brancos.

A camisa do uniforme possui um bolso no peito à esquerda. Quando o discípulo pertence ao Quadro de Sócio, o bolso da camisa é bordado com a sigla UDV na cor branca. Os do Corpo instrutivo usam a mesma sigla na cor amarela. O Corpo do Conselho possui a sigla CDC bordada junto à sigla UDV em amarelo. Os Mestres usam além das siglas UDV e CDC uma estrela de 5 pontas amarela bordada no lado direito da camisa. Quando um Mestre está ocupando a função de Mestre Representante, ou Central, a sua camisa é azul com os bordados em cor branca. O Mestre Geral Representante usa uma camisa azul como a dos Mestres Representantes, mas tem também uma coroa bordada acima da estrela.

As sessões da UDV seguem um padrão de procedimento ritualístico que pode ser observado em qualquer Núcleo. Descreverei a seguir o funcionamento de uma Sessão de Escala:

Todos os sócios devem trajar uniformes e estar presentes em seus lugares 15 minutos antes da sessão. Não há separação de lugares por sexo ou idade. Os lugares mais próximos à mesa são reservados para a direção do

Núcleo e os visitantes. Às 20:00 em ponto é iniciada a distribuição do Vegetal e todos ficam de pé. O Mestre designado para dirigir a sessão é quem serve o chá aos sócios e estes se dirigem até ele e aguardam em fila. Os primeiros a receber o Vegetal são os Mestres, em seguida os membros do Corpo do Conselho, do Corpo Instrutivo, do Quadro de Sócios e os não sócios. Quando todos recebem o chá o Mestre autoriza a comunhão do Vegetal. Primeiro bebem os sócios do Corpo Instrutivo (incluindo Mestres e Corpo Conselho) e logo em seguida o Quadro de Sócios. Depois de beber o chá as pessoas sentam em seus lugares e devem permanecer nele durante toda a sessão, salvo alguma necessidade. É iniciada a leitura dos Estatutos e documentos do Centro - obrigatória apenas nas Sessões de Escala - que são as normas e as leis que regem o funcionamento da instituição. Após a leitura dos documentos o Mestre dirigente faz as Chamadas de Abertura da sessão. A partir deste momento a sessão vai tomar um rumo próprio, ou seja, se desenvolverá de acordo com os assuntos trazidos pelo Mestre dirigente e com as perguntas feitas pelos sócios. As sessões duram 4 horas e 15 minutos, quando concluídas com as Chamadas de encerramento.

A ocasião na qual é feito o Vegetal recebe o nome de Preparo de Vegetal. Não há uma especificidade na frequência com a qual se deve realizar um Preparo. Ele costuma acontecer em decorrência da necessidade de abastecer o Núcleo. Mas também é possível que seja feito para marcar alguma data comemorativa. Costuma ser uma ocasião muito alegre e festiva para os sócios, pois é a oportunidade que as pessoas tem de passar mais tempo juntas. É dispensado o uso de uniformes, sendo dada preferência a roupas confortáveis e discretas para realizar os trabalhos.

A duração de um Preparo de Vegetal é variável, mas costuma durar de 1 a 3 dias, o que vai depender da quantidade de Vegetal que será preparada e da disponibilidade de tempo das pessoas. Costuma ser marcado em finais de semana e os mais longos geralmente vão de sexta à noite até domingo à tarde.

A maior parte dos Núcleos cultiva as plantas utilizadas para fazer o chá. Mas algumas vezes a quantidade não é suficiente e nestes casos as plantas podem vir de outros Núcleos da UDV, ou serem colhidas em ambiente nativo.

Em todo Núcleo existe um local especial para preparar o Vegetal, a *Casa de Preparo*. É um espaço mais amplo que o Salão para comportar as atividades necessárias ao Preparo. Há um local para “bater o Mariri”, ou seja, triturar o cipó com martelos. É um grande quadrado de madeira em volta do qual as pessoas se sentam para bater o cipó, e quando já está batido o Mariri é depositado no centro do quadrado. Dependendo da necessidade, alguns Núcleos usam trituradoras elétricas para facilitar o trabalho. Há um local com muita água corrente e algumas bacias onde são lavadas as folhas da Chacrona. O Mariri batido e a Chacrona lavada são então colocados em camadas dentro de panelas de 80 litros com água e vão para a fornalha. A fornalha se assemelha a um grande fogão a lenha cujas bocas ficam na superfície e embaixo há uma abertura onde é colocada a lenha. Quando a primeira panela vai para o fogo o trabalho é contínuo, dia e noite, e só se apaga a fornalha quando a derradeira panela de Vegetal está no ponto. Para isso a irmandade se divide em várias equipes que cumprem um turno de trabalho no preparo. As pessoas que trabalham nesta função utilizam material de segurança apropriado para lidar com o fogo e com as panelas de Vegetal: luvas, avental, máscaras e etc. Para dar suporte a esta equipe são formadas outras equipes responsáveis pela alimentação, limpeza das instalações, limpeza dos equipamentos utilizados no preparo, acomodações e etc.

As funções do Preparo não são divididas por gênero de maneira arbitrária. Uma mulher pode bater o Mariri e um homem pode colher e lavar as folhas de Chacrona. Mas o esforço físico necessário para desempenhar certas funções acaba fazendo uma “seleção natural”, de forma que os homens se encarregam de serviços que dependam de maior força física – bater o Mariri e preparar o Vegetal - e as mulheres se responsabilizam pelos mais leves – lavar a Chacrona e dar suporte ao Preparo..

A Comunhão do Vegetal durante o Preparo é chamada Distribuição. O funcionamento da Distribuição é semelhante ao de uma sessão, mas pelo fato de acontecer dentro de um Preparo alguns dos procedimentos obrigatórios em sessões são prescindidos como por exemplo: a leitura dos Estatutos, o uso de uniforme (pois não ocorrem no Salão), e um tempo de duração preciso.

Depois de pronto, o Vegetal é armazenado em galões de vidro e colocado em geladeiras, segundo as normas prescritas pela Vigilância Sanitária.

## **2.4. O Cristianismo reencarnacionista da U.D.V.**

A própria UDV se define como uma religião cristã por conceber Jesus Cristo como o Filho de Deus. Em termos espirituais, nortear-se pelos passos de Jesus deveria bastar para poder denominar-se cristão. Mas há muito tempo ser cristão deixou de ser meramente uma questão de crença espiritual, passando a ser principalmente a identificação de um grupo social.

O Cristianismo nasceu como uma seita judaica e logo se expandiu por outras regiões do Império Romano, Ásia Menor e Norte da África. Nos primeiros quatro séculos surgiram vários grupos com interpretações próprias da mensagem e da figura de Jesus. Não havia um consenso rígido sequer sobre o grau de divindade de Jesus. Alguns diziam que era um homem especial que se iluminou - esta era a posição dos Gnósticos. Outros O reconheciam como um Ser Sobrenatural enviado para clarear os caminhos dos mortais. Mas, mesmo com estas discrepâncias, todos se reconheciam como Cristãos e eram igualmente perseguidos e martirizados pelos Romanos.

No Séc. IV durante o Concílio de Nicéia o Imperador Constantino transformou o Cristianismo em religião oficial do Império Romano. O Concílio aconteceu devido à necessidade de se estabelecer um consenso sobre as normas que deveriam ser seguidas por um cristão, para que desta forma o movimento reunisse as suas forças e se unificasse. Devido à distancia entre as comunidades cristãs nas regiões em torno do mar Mediterrâneo, a comunidade de Roma tinha um certo destaque, da qual tirou proveito o Imperador. O número crescente de adeptos em todo o Império Romano deu a Constantino a idéia da utilização desta nova religião como um sustentáculo espiritual, para renovar o poderio de Roma já desgastado pela corrupção e decadência do Império. Desta forma, os cristãos romanos, também chamados de Católicos, ganharam força e espaço político junto ao Imperador, que também foi batizado. Começou então o domínio institucional da Igreja, que passou a denominar-se Católica, Apostólica e Romana. Só seria um verdadeiro cristão aquele que acreditasse em Cristo, segundo as normas impostas pela instituição Católica, os demais eram reconhecidos como desviantes. Deste

modo, ser cristão passou de uma questão espiritual, para uma questão de pertença social com condutas e normas bem definidas.

Com isto quero apenas esclarecer que se for levado em conta o ponto de vista histórico-social, a UDV não poderia ser reconhecida como uma religião cristã. Mas, quando o seu fundador assim a definiu, tinha em mente o ponto de vista espiritual. Para a União do Vegetal, o que a torna cristã é o fato de reconhecer Jesus Cristo como o Filho de Deus, e utilizar os seus ensinamentos como base para a construção de sua doutrina religiosa..

A minha preferencia por descrever a religião segundo seus próprios termos, faz com que no decorrer desta dissertação eu continue me referindo à UDV como uma religião cristã. E que fique claro estar apenas indicando uma identificação espiritual.

A crença na reencarnação, ou seja, a crença de que o espírito não só é imortal, mas que também renasce várias vezes até aperfeiçoar-se neste mundo para dele então se libertar é mais antiga que o Cristianismo. E sempre foi amplamente difundida nas religiões do Oriente, como o Budismo e o Hinduísmo. Na Grécia este conceito era familiar a inúmeras correntes filosóficas. É encontrado em Pitágoras, Sócrates e Platão, sendo retomado em Alexandria por Ammonius Saccas e seu discípulo Plotino. Ao que parece, religiões pré-cristãs da Europa como a dos Druídas celtas, também pregavam a reencarnação. Esta crença permaneceu atuante durante os primeiros séculos do Cristianismo.

No Séc. III, Orígenes de Alexandria, um dos antigos Padres da Igreja, considerado o primeiro grande teólogo cristão ensinava a reencarnação. A reencarnação era relativamente tolerada até 553, data do Concílio de Constantinopla quando a doutrina da reencarnação foi abolida.

Até o segundo Concílio de Constantinopla, em 553, a reencarnação sofria contestações apenas verbais ou oficiosas de parte do clero.

Dom Estevão Bettencourt, apud União do Vegetal, 1989, p. 24

Procurando justificar as raízes históricas da crença na reencarnação, no início do cristianismo, constam as seguintes informações no livro institucional da UDV:

Em 543 uma autoridade eclesiástica – o Patriarca Menas, de Constantinopla – redigiu e promulgou documento negando categoricamente a reencarnação. Este documento seria plenamente endossado dez anos depois, no Concílio de Constantinopla, pelo Papa Vigílio e demais Patriarcas (Bispos).

O documento de Menas, dirigido aos monges do Egito, Palestina e Síria, seguidores do monge e teólogo Orígenes (185-254), mestre da famosa e conceituada Escola de Teologia de Alexandria (Egito) – e que professava o cristianismo reencarnacionista – apenas confirma a larga aceitação que aquela tese desfrutava dentro da Igreja.

Algumas pessoas acreditam que Jesus ensinou a reencarnação, mas de fato esta informação não consta explicitamente nos evangelhos canônicos. Não cabe a mim nesta dissertação, defender ou refutar a existência da reencarnação, e sua coerência com os ensinamentos de Jesus. Mas no decorrer deste trabalho ela será citada como uma realidade, pois assim o é para os sujeitos que estão participando da pesquisa. A realidade física, ou metafísica do fenômeno não vem ao caso, tendo relevância apenas enquanto realidade psíquica dos entrevistados.

Como já foi citado acima, religiões cristãs-reencarnacionistas não são uma novidade. Mas não consta que o criador da UDV, M. Gabriel, tenha se baseado em alguma delas para criar a doutrina da UDV. O acesso de um seringueiro de origem simples a estas informações não seria muito provável. Mesmo possuindo características próprias existem intercessões entre o reencarnacionismo na UDV e em outras religiões, como a lei do *Karma*, ou *lei do retorno*, presente na UDV como *lei do merecimento*. Embora existam leves variações entre estes conceitos, na essência todos ensinam que sempre colheremos os frutos dos atos praticados. Maus atos geram frutos amargos e bons atos frutos doces. A pessoa pode receber a colheita nesta ou em outra vida. Estas leis indicam a presença da justiça divina afirmando, que tudo o que acontece na vida de uma pessoa não é obra do acaso, abandono ou inexistência de Deus. Estas leis negam a existência do lugar de vítima, colocando a pessoa como responsável pela sua própria vida.

## 2.5.

### A força da palavra

...uma coisa são as palavras recebidas em estado de graça, emanando de um coração vivo e pronunciadas por uma boca viva, outra são as próprias palavras, inscritas num pergaminho morto... Aqui ficam frias, não sei como, empalidecem como rosas cortadas.

Suso, in Rudolf Otto, 1917, p. 90

A UDV é uma religião iniciática na qual a doutrina é passada através da transmissão oral. Não existem ensinamentos registrados na forma escrita, portanto, a palavra falada ocupa um lugar de destaque na religião.

Na UDV, a palavra não possui o significado ordinário, aquele que as pessoas estão acostumadas a lhe atribuir no uso rotineiro. Ela não é o meio para a compreensão de um significado, ela é o significado em si. A palavra é sagrada e como tal é investida de força e poder criador. A palavra é o Logos, o Verbo divino.

Nas sessões da UDV, as palavras abrem as portas para o conhecimento do mundo espiritual. Há um cuidado especial com a escolha das palavras, que são proferidas em uma sessão, pois direcionam e influenciam o transe numinoso.

Mesmo fora das sessões, a maneira como um membro da UDV usa a palavra é visto como um reflexo de seu desenvolvimento espiritual, a sua vida como um todo também é direcionada pelas palavras que utiliza. Dá-se preferência ao uso de termos positivos, para que possam trazer efeitos também positivos a quem os diz.

Para aqueles que não possuem familiaridade com o uso sagrado da palavra, estes significados podem parecer um tanto estranhos, supersticiosos ou sem sentido. Mas não é um conceito novo, muito pelo contrário. Existem teorias que reconhecem este uso sagrado como os primórdios da comunicação oral. Em seu livro, *O ser da compreensão*, Augras aborda o tema da linguagem, mais especificamente a fala.

Para os antigos egípcios. “o órgão da criação é a boca, que nomeia todas as coisas”. No Rigveda, a fala é apresentada como imagem materna, que contém o universo dentro de si: “Da palavra vivem todos os deuses; da palavra vivem os gênios, os animais e os homens...a palavra é imperecível, primogênita da lei, mãe dos vedas, umbigo da imortalidade.

Augras, 1986, p.77

Assim sendo, haveriam 2 níveis distintos do uso da palavra: o nível ordinário, no qual a palavra adquire a importância de sinal, e o nível sagrado, no qual a palavra adquire a importância de símbolo. No nível ordinário ao se tratar de um sinal é possível que a palavra tenha vários significados, segundo o contexto em que são empregadas, pois os sinais são mutáveis. Já no nível

sagrado as palavras são símbolos, e os símbolos são coisas em si e não podem ser relativizados.

## **2.6. Burracheira, transe e êxtase religioso**

*Burracheira* é a denominação dada ao transe religioso proporcionado pela ingestão do chá Hoasca. No contexto da UDV, beber o chá é a comunhão com o divino, segundo os preceitos e as práticas da religião. No momento desta comunhão sagrada as pessoas afirmam sentir a Força espiritual e a Luz divina, provenientes do cipó Mariri e da folha Chacrona, que unidos dão origem ao Vegetal.

Não foi possível encontrar nos escassos trabalhos sobre transe religioso alguma definição que realmente abarcasse o fenômeno, tal como ocorre na União do Vegetal. Um dos poucos autores, que se dedicaram ao tema do transe e do êxtase religioso, foi o antropólogo Ioan Lewis. Em seu livro *Êxtase Religioso*, Lewis escreve:

*O estado de dissociação mental* (que pode variar muito consideravelmente em grau) e que por conveniência, chamamos aqui de transe, está conforme as circunstâncias em que ocorre, sujeito a diferentes controles culturais e a diversas interpretações culturais. De fato, da mesma forma que se dá com a adolescência, o transe está sujeito tanto a definições fisiológicas quanto culturais.

Lewis, 1971, p. 50. Grifo meu

Como se vê, até mesmo Lewis ao usar a definição “estado de dissociação mental”, procurando definir o que é transe, o faz dentro do seu próprio contexto enquanto pesquisador. O foco do trabalho de Lewis é o transe associado à possessão / manifestação. Caso no qual se dá a dissociação não patológica. O “eu” que ocupava aquele corpo, durante o transe de possessão / manifestação é um outro. O que ocorre durante a burracheira é justo o inverso. O movimento é de integração de todos os conteúdos da personalidade. Algo análogo ao processo de individuação da terapia junguiana, quando o sujeito é levado a ver a sombra e a luz dentro de si e a lidar com os conteúdos antes inconscientes.

A definição que me pareceu mais satisfatória foi a oferecida pelo dicionário da língua portuguesa *Mini Aurélio século XXI*. O número 5 de seu verbete sobre transe diz: “Alteração da consciência e das faculdades mentais, geralmente acompanhada de mudança de comportamento” (2002, p. 681). Neste caso fico apenas com a parte que fala sobre alteração da consciência, pois durante a burracheira as faculdades mentais e o comportamento permanecem preservados e não há perda de contato com a realidade. De fato, as reações provocadas por enteógenos são descritas como estados alterados de consciência. Mas esta definição também é comumente utilizada para definir o efeito de drogas alucinógenas e outros entorpecentes. De modo, que para falar do efeito da burracheira é melhor usar o termo “estado expandido de consciência”. A palavra *expandido*, ao invés de *alterado*, aponta para algo de ordem mais positiva. E de fato o objetivo da burracheira é proporcionar a expansão da consciência, para que a pessoa possa ser capaz de alcançar uma compreensão mais adequada dos ensinamentos espirituais ministrados em uma sessão do Vegetal.

Para designar o fenômeno proporcionado pela ingestão do Vegetal, observado no contexto religioso na UDV, utilizarei o termo *transe numinoso de interiorização*. Transe em referencia ao estado expandido de consciência, numinoso em referencia ao termo cunhado por Rudof Otto para definir o encontro com o sagrado<sup>6</sup>, e interiorização como o movimento que proporciona o auto-conhecimento.

O desejo de participar mesmo que momentaneamente da divindade é um tema e uma busca recorrente em muitas seitas e religiões, sejam cristãs ou não. Essa participação pode ser a nível simbólico ou então produzir um efeito real, um estado diferenciado de consciência, que propicia a apreensão e compreensão de conteúdos e elementos intangíveis no estado ordinário de consciência.

Um dos exemplos mais estudados deste tipo de transe está presente no xamanismo. Talvez o tipo de transe religioso que mais se aproxime da burracheira seja o transe xamaníco, provocado pela ingestão de plantas psicoativas. Este fenômeno recebeu a atenção de alguns estudiosos como Mircea Eliade (1998), que conferiram alguma respeitabilidade às práticas xamânicas. O xamã não serve

---

<sup>6</sup> Este autor será retomado mais adiante, e o termo numinoso será explicado com mais detalhes.

apenas de veículo para a manifestação de divindades, ele mesmo é investido de poderes divinos.

A analogia é ainda um tanto precária, pois o xamã, é um sujeito especial dentro de uma comunidade. Da mesma forma que o médium, o xamã possui um poder inato de estabelecer contato com o mundo dos espíritos, com a esfera do sagrado. Ele passa a ser o elo entre o mundo espiritual e os membros de sua comunidade que não são dotados deste poder. E por isso o procuram nos momentos de maior aflição, quando necessitam de seu auxílio para sanar problemas como doenças, feitiços, escassez de alimento e toda sorte de infortúnios que crêem poder ser resolvido com o auxílio dos espíritos. Embora não seja uma regra, em muitas culturas xamanísticas o xamã é o único habilitado a fazer uso das plantas de poder, ou outras substâncias enteógenas, ministrando-as aos demais apenas em ocasiões especiais como os ritos iniciáticos. O importante é sublinhar que o transe alcançado pelo xamã também é um transe voltado para a comunidade, ele é inerente à sua cultura e lhe confere poder, ainda que também possua a característica de um mergulho interior. Mas o estudo do êxtase e do transe religioso induzido por ingestão de enteógenos praticado por pessoas consideradas instruídas, ou seja, que receberam uma educação nos moldes ocidentais é incompreendido e freqüentemente comparado ao uso de drogas e à perda da razão.

Até mesmo Augras que dedicou anos de suas pesquisas ao estudo respeitoso e ético dos terreiros de Candomblé apoiada na fenomenologia, confessa sua dificuldade para falar sobre transe e se desvencilhar da fôrma cartesiana na qual fomos educados.

Nesse ponto, é preciso repensar muito daquilo que já se leu ou escreveu sobre o tema. O transe é basicamente um fenômeno psico-fisiológico, encontrado em uma infinidade de grupos culturais, que lhe atribuem significações diversas. Dentro da cultura ocidental, a tradicional cisão cartesiana entre “mente” de um lado, e “corpo”, do outro, tem produzido um constante estranhamento frente ao transe, interpretado como sendo um comportamento no mínimo “anômalo”. E por mais que nós, pesquisadores, nos esforcemos em manter distância em relação a interpretações desqualificadoras da vivência dos sacerdotes e sacerdotisas cuja religião faz, do transe, o suporte da possessão pelo orixá, as ferramentas teóricas e metodológicas de que dispomos foram forjadas por aquela mesma tradição cartesiana e, por conseguinte, dificilmente conseguimos ir além da descrição externa de um fenômeno corporal.

Augras, 2004, p.2

A União do Vegetal vem crescendo em ritmo acelerado e constante, o que denota que um número cada vez maior de pessoas nos dias de hoje está encontrando neste tipo de religião – que oferece um contato numinoso direto com o sagrado – a satisfação para os seus anseios espirituais. Um dos fatores mais notáveis neste fenômeno é o fato desta satisfação se dar em moldes bastante diferentes, e por vezes divergente, do que é habitualmente oferecido no meio cultural do qual a maior parte destas pessoas é proveniente.

Nos capítulos 5 e 6 com base em autores que se preocuparam com as questões psicológicas envolvidas nas vivências religiosas, será abordado o tema da experiência religiosa individual vivida na burracheira.

## **2.7. A UDV enquanto estrutura social**

Não me alongarei na análise da UDV enquanto estrutura religiosa social, pois este trabalho pretende abordar as questões inerentes ao processo interno que ocorre no indivíduo inserido neste contexto da prática religiosa. Mas é preciso fazer referência à influência exercida pela estrutura social sobre a vivência religiosa. Peter Berger em *O Dossel Sagrado* (1985), faz uma análise detalhada da religião como organização social que promove suporte para seus integrantes.

A UDV possui um componente social especialmente forte. Não é só no ato de comungar o vegetal que se encerra a religião. Os seus ensinamentos e doutrinas são fortemente focados no convívio e nas práticas sociais, dentro e fora do espaço religioso. Deste modo, foi construída uma organização firmemente estruturada, com regras, deveres e direitos bem definidos, para reger e dar suporte à experiência desencadeada pelo chá. Mais adiante, no cap. 3, será exposta de modo mais completo a idéia de Jung, na qual ele expressa a importância da estrutura social e racional, como lastro para a experiência numinosa.

*Um Rumor de Anjos*, é um livro posterior a *O dossel sagrado*, onde Berger expõe os seus pensamentos a respeito da religião do ponto de vista irracional, e admite que apesar da importância da estrutura social racional, o que mantém o sentimento religioso vivo é o seu elemento irracional. Berger defende a retomada do sobrenatural como condição para a compreensão da realidade do ser humano.

Faz-se necessário explicar que para Berger o sobrenatural não tem uma conotação de paranormalidade, e sim de fenômenos familiares aos seres humanos, estados que vão além do que é comum na vida e que não podem ser explicados pela lógica, mas sim pela religião. É melhor deixá-lo falar:

Ao mesmo tempo, deve-se reconhecer que a religião não é primariamente uma atividade de intelectuais; na verdade não pode ser entendida como um esforço primordialmente teórico. O impulso religioso fundamental é não teorizar sobre a transcendência, mas adorá-la. Isto é certo, independente do fato de a religião animar grande número de pessoas numa sociedade ou limitar-se ao que eu denominei minorias cognitivas (é um grupo formado ao redor de um corpo de conhecimento que diverge da maioria). Se a religião pudesse se manifestar unicamente como uma preocupação teórica, embora apaixonada, de segmento da *inteligentsia*, isto seria em si mesmo um sintoma de sua morte progressiva ou iminente.

Berger, 1973, p.115

Embora seja um sociólogo, o pensamento de Berger sobre o que mantém a religião viva está de acordo com a concepção dos três autores que darão embasamento teórico a esta dissertação: O teólogo Rudolf Otto, e os psicólogos William James e Carl Gustav Jung. Com o diferencial de pensarem esta questão a partir da experiência individual, como fenômeno criador do sentimento religioso e da estrutura social.